A MENSAGEM DA ESTRELA AZUL

Lourdes Carolina Gagete

Caíque era um garoto de 10 anos. Um bom garoto. Ficara órfão de pai quando tinha apenas três anos de idade.

Vivia feliz ao lado da mãe e do irmão mais velho, o Alberto. Depois desses familiares, seus melhores amigos eram o Paulo e o Téo. Mas o Téo não era nenhum menino. Era um cachorro. Onde Caíque estivesse, lá estava também o Téo. Parecia que sabia que devia sua vida a ele. Seu olhar sempre dizia: “Caíque, muito obrigado por você ter-me levado para sua casa naquele dia em que fui atropelado e abandonado. Muito obrigado por ter cuidado de mim com tanto amor.”

Téo não agradecia deste modo, claro, mas agradecia com sua amizade pela família. E todos sabiam daquela gratidão canina.

Eram pobres, mas sabemos que a pobreza não é nenhum defeito, não é verdade? E nem motivo para tristeza. O que importa mesmo é a riqueza do Espírito, porque o resto virá depois com a ajuda e sustentação da espiritualidade.

E Caíque era um Espírito rico! Gostava de estudar, de brincar e de trabalhar - apesar da pouca idade. Como todo moleque fazia também suas traquinagens, pois de santinho estava longe.

- Sabe mãe, outro dia li uma história muito bonita.

- Que história ?

- A história de uma mulher que tinha uma filha doente. Eram bem pobres. Mais pobres do que nós. Não tinham dinheiro pra comprar o remédio que o médico receitou. Então, sabe o que a mulher fez?

- O quê ?

- Ela colocava água em um copo. Água bem limpinha. Depois rezava com muita confiança. Chamava Jesus. Jesus colocava remédio na água. Fez assim durante alguns dias. A menina tomava daquela água e ficava cada vez melhor. Por fim sarou daquela doença. Que legal né, mãe?

- Quando temos fé em Deus e em Jesus sempre acontecem coisas

maravilhosas, meu filho.
- Vou ver o que dizem lá na escola de moral cristã. Eu não entendi como pode água virar remédio.
Caíque era muito conversador e gostava de contar à mãe tudo o que lhe acontecia. Considerava-a uma verdadeira sábia. Dona Rosinha ficava muito feliz com aquela demonstração de amor e confiança.
À noite, Caíque fazia os deveres de casa. Estava na quarta série. Gostava de estudar, mas não era nenhum exemplo de dedicação. Como quase todo garoto deixava os pensamentos fugirem para as brincadeiras. A mãe tinha de ficar de olho nele e lhe cobrar atenção a toda hora ! Era um Deus nos acuda :
- Ô menino ! Vamos prestar mais atenção! O que é isso?! Estudando com a televisão ligada !!? Onde já se viu isso ? E com Téo aí latindo ?
- Fique quieto Téo. *Sujô, cara!*
E Téo se deitava pertinho dele e dormia.
Caíque tinha muitas qualidades, mas também tinha alguns defeitos. O pior desses defeitos era ser rancoroso. Não conseguia esquecer quando alguém o magoava. Tampouco sabia perdoar. Às vezes até adoecia de tanta raiva. Quando estamos revoltados ficamos doentes. Claro, porque todo mau sentimento é contrário à Lei do Amor. E fora dessa Lei abrimos a porta para as doenças.
Caíque não se vingava, mas também não esquecia e nem aceitava desculpas. A mãe sempre o aconselhava:
- Meu filho, ninguém é perfeito. Todos nós precisamos do perdão de Deus. Eu, Alberto, você...Nunca pensou nisso? Nunca errou?

***

Naquela segunda-feira Caíque foi para o quarto assim que chegou da escola. Parecia contrariado. Téo abanava o rabo e latia. Estaria com vontade de conversar com ele e saber o que se passava?
O menino lhe fez um afago e se jogou na cama com um profundo gemido. Dona Rosinha percebeu que alguma coisa não estava bem.
- Não gostou da aula hoje, Caíque?
Sem se levantar nem olhar para ela, ele respondeu amuado:
- Gostei.
- Não parece. Não quer conversar um pouco?
- Tudo estava indo bem até a professora separar a gente em grupos de

dois. Disse que era pra gente conversar e se conhecer melhor. Uma besteira!
- Besteira? Não acho não. Acho que foi uma ideia genial!
- Eu não quis conversar.
- Por quê ?
- É que meu par foi justamente o chato do Almeidinha. Se fosse outro eu até que ia gostar.
- Ora, o Almeidinha me parece ser um bom menino !
- É um grande idiota, isto sim.
- Você fez muito mal. Muito mal mesmo em perder a oportunidade de conhecê-lo melhor. Se ele fez alguma coisa que você não gostou, converse com ele. Escute os motivos dele.
- Ninguém vai me fazer gostar dele. Nem conversar com ele! Não vem não, mãe!! E sabe do que mais? FUI.
Levantou-se e saiu quase correndo. A mãe foi atrás:
- Caíque, não seja tão teimoso...tão duro...
- Não gosto dele e pronto.
- Meu filho, me fale do Almeidinha. Por que você não gosta dele? Vocês brigaram alguma vez?
- Não. Nunca brigamos.
- Então... eu não compreendo! Faz tempo que ele está na sua classe?
- Faz um mês...ou mais...sei lá.
- Você nunca falou com ele?
- Não. Nunca. Logo que ele entrou na classe, eu já não gostei dele.
- E ele?
- Ele o quê ?
- Ele também não gosta de você?
- Não sei. Nunca perguntei.
- Mas, alguma vez ele tentou falar com você?
- Ele sempre tenta. Mas mãe...eu não sei o que é. Quando olho pra ele sinto uma raiva danada! Eu também não gosto de sentir raiva. Mas dele eu não posso nem quero gostar.
- Aconteceu alguma coisa que você não quer me contar?
- Você sabe que eu sempre conto tudo, que não escondo nada de você.
- Claro filho. Tudo bem.
- Será que ele vai continuar na minha classe? Você não pode falar pra

trocar...
- Caíque! Que implicância!! O Almeidinha sabe que você não gosta dele?
- Eu nunca escondi. Um dia ele quis falar comigo, mas eu dei um chega pra lá nele. Depois disso só me olha de longe.
Dona Rosinha ficou pensativa, pensando no que dizer.
- E quer saber mais, mãe? Ele que se dane! Que vá procurar a turma dele! – falou com raiva mal contida.
- Não fale assim, Caíque. Isso é descaridoso.
- Mas a minha raiva é tanta, que chega a me sufocar. Só que não consigo entender o porquê. Ele nunca me fez nada... eu mesmo não entendo.
Dona Rosinha abraçou o filho. Ficou pensando no porquê daquela implicância aparentemente sem motivo.
- Ás vezes minha cabeça fica cheia de umas lembranças estranhas... Umas coisas tão piradas...Bobeira minha, mãe.
- Não quer falar sobre isso? Que lembranças são essas?
- Vou contar tudo. Eu não gosto dele porque...acho que ele já fez alguma coisa ruim pra mim... Eu sempre sonho com brigas. Muita briga. Ele me ofende, grita comigo. Parece que ele não é o Almeidinha e eu não sou o Caíque. Muito louco! Eu e ele somos adultos, sabe? Dá pra entender?
- Olha, meu filho, você não deve agir dessa forma só porque sonha...Imagine!
- Mas mãe...Eu sei que alguma coisa ruim aconteceu entre mim e ele... só não sei quando ou onde. Parece que eu o conheço de muito tempo!
- Não podemos gostar ou não de uma pessoa só porque sonhamos; porque achamos que ela nos fez algum mal! Mesmo quando temos certeza de que um mal foi feito a nós, devemos perdoar, meu filho! Porque o perdão beneficia mais a quem dá do que a quem recebe.
Caíque se calou. A mãe continuou falando:
- Quem sabe se tudo isso não é uma falsa impressão?
- Então, por que eu não gostei dele, assim, de cara?
- Não sei, Caíque. Talvez...sei lá.
Naquela noite Caíque teve um sonho diferente. Acordou eufórico e foi logo contar à mãe:
- Esta noite tive um sonho esquisito. Foi esquisito, mas lindo! E não parecia sonho não. Logo que peguei no sono vi o Almeidinha . E sabe

quem mais estava com ele?
- Como posso saber, Caíque?
- Quem estava também me esperando era meu pai!
Dona Rosinha arregalou os olhos:
- Seu pai... Meu Deus, que saudade! Vamos filho, me conte tudo.
- Ele parecia feliz. Ficamos abraçados um tempão. O Almeidinha, que também estava no sonho, não falava nada. Eu não ligava a mínima pra ele e me perguntava o que ele fazia ali. Depois meu pai disse que tinha uma surpresa.
- E qual era a surpresa?
- A vinda da Estrela Azul. Ahn... acho que nunca lhe falei dela. A Estrela Azul é a minha preferida lá no céu. Ela não é grande. É bem pequena, mas é a mais linda. Ela fica tremendo...tremendo...parece que quer conversar comigo.
- Então me conte o sonho. Estou curiosa.
- Meu pai disse que ela estava vindo até nós, que estava trazendo uma mensagem.
- Uma mensagem?!
- Não parecia sonho. Eu vi, mãe ! Ela vinha vindo! Eu queria pegá-la com minhas mãos ! O brilho dela era tão azul, tão azul! Ela estava mais azul do que quando fica lá no céu.
- Continue.
- Eu fiquei meio bobo. Só olhava. Tinha medo de falar alguma coisa e ela sumir. Meu pai estava comigo e segurava fortemente a minha mão.
- Ela é a minha estrela azul, pai – eu disse. Ele riu. Balançou a cabeça e continuou rindo. Era um riso tão bom...Eu estava tão feliz. Aquele riso dele era como um prato de sopa. Sabe, quando a gente tá com muita fome e o caldinho esquenta a barriga?
Dona Rosinha riu da comparação. Tinha lágrimas nos olhos. Lágrimas boas. Lágrimas que são chuva em terra seca.
Caíque continuou:
- Depois levei o maior susto! É que a Estrela Azul começou a cair...cair...cair...em nossa direção. Segurei com força a mão do meu pai. Acho que ele percebeu que eu estava com medo e me levantou nos seus braços. Foi aí que percebi o quanto é bom ter braço de pai em volta da gente.

- Não tenha medo! Preste atenção no que vai acontecer – ele me disse.
Depois, nós três ficamos bem quietos. Só olhando a Estrela Azul que caía...caía... caía... De repente ela parou de cair. Eu olhei para o meu pai e ele me fez um sinal para que eu continuasse olhando. Falou também alguma coisa para o Almeidinha, e aquilo me deu uma raiva danada! Que tinha meu pai de falar com ele? E por que ele estava também ali? O pai era dele, por acaso?
Caíque fez uma pausa.
- Continue, filho. E daí?
- Daí mãe... que coisa mais bonita! Não sei se vou conseguir dizer tudo, dizer como aconteceu de verdade.
- Fale. Fale, menino.
- Eu continuei bem quieto, só olhando a estrela azul. Ela já estava bem pertinho de nós, mas eu já não tinha medo. Tão perto ela estava que eu, meu pai e o Almeidinha ficamos azulados. E eu fui ficando quente, quente, como aquela vez em que tive febre e você me levou ao médico, lembra, mãe?
- Sim, eu me lembro, querido. Continue.
- Sabe, não parecia sonho, não! Parecia que eu estava num lugar longe daqui. Daí a Estrela parou. Eu quase não podia olhar pra ela por causa da luz. Ela ficou parada e foi se transformando num coração de luz. Meu pai disse: “Veja Caíque, é o seu coração”. Eu fiquei muito espantado e pensei: Meu pai está enganado. O meu coração está aqui no meu peito.
Caíque parou um instante a narrativa. Engoliu em seco. Tossiu. Disfarçou a emoção.
- Querido – disse Dona Rosinha – Se quiser chorar, chore. Faz bem. Alivia a alma da gente. Essa história de que homem não chora é pura bobagem. O homem, como a mulher têm os mesmos sentimentos.
- Nada. Já passou.
A mãe acariciou-o e riu. Mais tranquilo ele continuou.
- Eu sabia que meu coração estava dentro do meu peito, mas meu pai, mesmo sem eu falar, adivinhou o que eu estava pensando e falou: “Caíque, aquela estrela azul tem tudo a ver com você”. – Eu não compreendi, e ele continuou: “Olhe pra ela” – Eu olhei, e meu pai tornou a dizer:
“Agora procure ver com os olhos da alma.”

Dona Rosinha olhava o filho com muita ternura. Já não se preocupava em reprimir as lágrimas.
- Quando olhei para o meu coração vi que ele estava igualzinho a minha Estrela Azul. Ele não estava vermelho, como julguei que estivesse. Ele estava azul! E não era sangue...que barato!
- O que era então, Caíque?
- Era luz azul! Azul! E o meu coração era ao mesmo tempo a minha estrela que estava lá fora e o meu coração que batia aqui dentro – disse apontando para o peito.
Caíque parou, muito agitado. A mãe pediu que ele continuasse.
- Eu tinha dois corações ! E os dois estavam ligados um no outro. Não acha estranho, mãe?
- Interessante...Já terminou?
- Ainda não. Meu pai me pediu que prestasse muita atenção. Disse que aquele momento era o mais importante. Era pra ver aquilo que estávamos ali. Eu fiquei tão quietinho que nem me mexia. Ahn, mãe, foi lindo ! A Estrela Azul, porque de coração ela já era de novo uma estrela, foi-se derretendo em luz. E aquela luz ia direto para o meu coração. De repente, aquela luz se transformou de novo. Já agora eram lágrimas colhidas por quatro mãos: as minhas e as do Almeidinha. No mesmo instante eu o abracei. Ficamos abraçados por alguns instante. Toda raiva que eu sentia dele, desapareceu. Meu pai estava chorando, mas acho que de alegria.
Dona Rosinha tinha lágrimas nos olhos.
Nesse momento, Téo chegou latindo e a conversa acabou num grande abraço.

ATIVIDADES

O que você entendeu sobre o perdão?

_____

_____

_____

TESTE SUA MEMÓRIA

PROCURE NO MEIO DESSAS LETRAS, PALAVRAS QUE ESTÃO NO TEXTO.

asertuyperdãoiuytfvbnmipmmfgtemmttredsalmeidinhaçpiuytiou
bhrtemplrosinhamijutrecaíquemoiugfdaraivamoutfdsestrelaazul
jhgtreteomnhytrcachorromuygtreosonhompoiutrefgtrluzmhuytre
raivamjutredsetadoençasoiuytrxcvbhtrecoraçãomoiuycxzsaopiu
caíquehytresjuamormjuytrepróximomnjutredfoplágrimaskihtresd

CRIE VOCÊ UM DIÁLOGO PARA AS PERSONAGENS ABAIXO:

D.ROSINHA CAÍQUE

Desenhe a Estrela Azul